Militâncias feministas e ditaduras em Brasil e Argentina

Feminist activism and military dictatorships in Brazil and Argentina

Joana Vieira Borges
Doutoranda, PPGH-UFSC
Bolsista CNPq e PDEE Capes - Proc. n°. 6586/10-4
joana_borges@hotmail.com

Resumo: A proposta desta comunicação é refletir sobre os movimentos feministas no Brasil e na Argentina tendo como eixo a formação intelectual de uma geração de leitoras feministas no contexto das ditaduras militares. Para tanto, essa análise terá como foco as narrativas sobre os períodos das ditaduras militares, e periódicos feministas produzidos entre os anos de 1960 e 1980, no intuito de traçar uma história dos movimentos nesses países através daquelas que são apresentadas, até hoje, como suas leituras.
Palavras-chave: história da leitura; movimentos feministas; ditaduras militares; Brasil; Argentina

Abstract: The proposal of this communication is to reflect about the feminist movements in Brazil and Argentina having as basis the intellectual formation of a generation of feminist readers in the context of the military dictatorship in these countries. I will focus my analysis on narratives about these periods and on feminist journals produced between the years of 1960 and 1980 seeking to trace a history of the feminist movements in these two countries. The material I will use is that which feminists in these countries report as their readings until today.
Keywords: history of reading; feminist movements; dictatorships; Brazil; Argentina

Por muito tempo as ditaduras militares latino-americanas dos anos de 1960 e 1970[1] foram pensadas através da historiografia apenas pela resistência dos movimentos de esquerda à repressão infringida pelos regimes militares. Entretanto, a militância social desse período apresenta-se cada vez mais plural nas narrativas históricas produzidas nos últimos anos, atentando para uma diversidade de atores e reivindicações. Além disso, esse alargamento no olhar historiográfico tem possibilitado ainda aos pesquisadores e pesquisadoras interrogar o período através de novas perguntas, novos objetos e novas fontes.

[1] As ditaduras nos países do Cone Sul ocorreram nos seguintes períodos: Brasil (1964-1985), Argentina (os golpes se deram em 1966 e 1976, e as redemocratizações em 1973 e 1983, respectivamente), Chile (1973-1988), Paraguai (1954-1989), Uruguai (1973-1985) e Bolívia (1964-1982, com interrupções no processo ditatorial).

Os anos de 1960 e 1970 foram marcados pelas manifestações dos movimentos feministas latino-americanos, que denunciaram não somente às intervenções repressivas exercidas pelos regimes militares como também as amarras e imposições de uma sociedade pensada segundo os critérios do "patriarcado", entendido na época como um sistema de "dominação masculina", estruturado tantos nas instituições da vida pública como privada (HIRATA, 2009, p. 175). Nesses países as agendas dos movimentos feministas combinaram muitas vezes a atuação da militância política contra os regimes militares com as reivindicações de um feminismo internacional em ascensão, caracterizado como "Segunda Onda Feminista" ou "Feminismo de Segunda Onda" [2].

Mesmo frente à resistência do regime militar e também da esquerda – que considerava as reivindicações feministas secundárias –, houve tanto no Brasil como na Argentina uma grande mobilização em benefício das questões das mulheres, envolvendo a organização de grupos e eventos. No início dos anos 1970 foram criadas, na Argentina, importantes associações feministas como, por exemplo, a *Unión Feminista Argentina* (UFA), em 1970, o *Movimiento Feminista de Liberación Femenina* (MLF), em 1972, o *Movimiento Feminista Popular* (Mofep), a *Associación para la Liberación de la Mujer Argentina* (Alma), em 1974, e a *Frente de Lucha por la Mujer* (FLM), em 1975 (ANDÚJAR et. al., 2005, p. 20, p. 61-88; MORANT, 1994, p. 881-902). No Brasil, surgiram os movimentos de mulheres (em clubes de mães e associações de bairros), o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) e o Centro da Mulher Brasileira (CMB), ambos em 1975, os periódicos *Brasil Mulher* (1975), *Nós Mulheres* (1976) e *Mulherio* (1981), além dos grupos de reflexão e outras organizações formadas no interior dos partidos políticos (PEDRO, 2006, p. 249-272; PINTO, 2003; TELES, 1993, p. 52-166; ALVES; PITANGUY, 1985, p. 57-74).

Algumas feministas brasileiras e argentinas vivenciaram experiências no exílio em outros países sob regimes democráticos, como, por exemplo, Estados Unidos, Chile (antes do golpe de 1973), alguns da Europa Ocidental, ou ainda em cidades no interior.[3] Com os

[2] Compreende-se por "Primeira Onda Feminista" aquela em que as principais reivindicações do feminismo estavam centradas nas questões referentes aos direitos políticos, e como "Segunda Onda Feminista" um momento em que os movimentos feministas após Segunda Guerra Mundial priorizaram as lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado. Contudo, ressalto que algumas autoras já discutem a separação das trajetórias feministas em "ondas" por defenderem que esse método impõe, através de uma mesma concepção evolutiva igual para todos os lugares, uma versão de feminismo sobre os demais, escamoteando as diferenças e desconsiderando a complexidade dos processos e das realidades em que estão inseridos. (HEMMINGS, 2009).

[3] Para citar algumas, entre as brasileiras, Ângela Xavier de Brito, Cecília Sardenberg, Maria Odila Leite da Silva, Sandra Maria da Mata Azeredo, Maria Lygia Quartim de Moraes, Danda Prado, e, entre as argentinas, Blanca Ibalurcia, Nora Polido, Dora Barrancos. Sobre a experiência das mulheres brasileiras no exílio, sobretudo, no

processos de redemocratização, iniciados nos anos 1980, as feministas exiladas retornaram aos seus países trazendo em suas bagagens novos textos e leituras, experiências e discussões, arregimentando, dessa forma, os movimentos feministas nacionais e proporcionando uma grande circulação de conhecimento. Outras, embora não tivessem sido exiladas, mantiveram contato com pessoas no exílio por correspondência, ou através de mulheres que tinham a possibilidade de viajar ao exterior. Estas, a meu ver, compartilham de uma mesma geração de feministas, pois, quando pensamos em uma geração, não estamos apenas considerando um grupo de pessoas de idades aproximadas, mas, sobretudo, de pessoas que vivenciaram, com certas semelhanças e diferenças, acontecimentos em comum.

Este trabalho sobre os movimentos feministas no Brasil e Argentina buscará reunir em uma breve apresentação alguns resultados da pesquisa que venho desenvolvendo para minha tese de doutorado sobre as leituras feministas realizadas no contexto das ditaduras militares de meados do século XX. O meu objetivo não é abordar sistematicamente a formação e a organização dos movimentos, mas contribuir com a historiografia sobre os feminismos ao eleger as leituras como objeto da minha reflexão.

Nesse sentido, a proposta desta breve comunicação é pensar sobre os movimentos feministas no Brasil e na Argentina tendo como eixo a formação intelectual de uma geração de leitoras feministas no contexto das ditaduras militares. Para tanto, focalizarei minha análise em narrativas feministas sobre os períodos das ditaduras militares, e periódicos feministas produzidos entre os anos de 1960 e 1980, no intuito de traçar uma história dos movimentos nesses países através daquelas que são apresentadas, até hoje, como leituras de identificação com os feminismos.

Inicialmente, minha pesquisa começou com a análise de um conjunto de entrevistas que foram realizadas com feministas brasileiras e argentinas entre os anos de 2003 e 2009[4].

Círculo de Mulheres Brasileiras, criado em Paris em 1976, ver PEDRO, 2007, p. 307-328; ROLLEMBERG, 1999, p. 207-227; COSTA et. al., 1980.

[4] A maior parte das entrevistas utilizadas neste artigo foram realizadas por pesquisadoras do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, posteriormente transcritas e revisadas por estudantes que integram a equipe. Essas entrevistas continuam sendo produzidas no desenvolvimento de diferentes projetos de pesquisas coordenados pelas professoras Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff. LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE GÊNERO E HISTÓRIA. Disponível em: http://www.legh.cfh.ufsc.br/ Acesso em: 20 ago. 2011. Algumas delas estão sendo aos poucos disponibilizadas no site do Instituto de Estudos de Gênero (IEG), na seção *Memórias do Feminismo*. Através desse site, tive acesso ainda a três entrevistas realizadas em 2005 pela professora Rachel Soihet para seu projeto de pesquisa intitulado, *Zombaria como arma antifeminista*: Rio de Janeiro (fins da década de 1960 aos anos 1980), desenvolvido na Universidade Federal Fluminense (UFF), e que foram incluídas em minha análise. INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO. Disponível em: http://www.ieg.ufsc.br/entrevistas.php Acesso em: 20 ago. 2011.

De modo geral, os roteiros das entrevistas abordam questões relativas às identificações com os feminismos no período das ditaduras militares latino-americanas, e entre as respostas emergem nomes de autoras, livros e influências teóricas que teriam circulado na época.

Esse acervo de narrativas feministas é composto por 39 entrevistas realizadas com feministas brasileiras e 13 com argentinas, e conta com entrevistas com militantes de outros países do Cone Sul. As entrevistadas, em sua grande maioria, fazem parte de uma geração de mulheres que ainda hoje se consideram feministas, nascidas entre os anos de 1940 e 1950, provenientes das classes médias que tiveram acesso ao ensino superior, e que em suas juventudes estiveram ligadas à militância política de oposição às ditaduras, buscando conciliar o debate feminista durante esse processo.

Na tentativa de perceber as aproximações e os distanciamentos nas trajetórias de leitura de ambos os países, detive-me nos testemunhos, especialmente nos momentos em que elas citam os textos que liam e narram seus processos de constituição como leitoras feministas. Ao final da análise das narrativas, pude constatar algumas características recorrentes nas falas das feministas de ambos os países. Havia um interesse em citar leituras que se aproximassem do pensamento de esquerda, e a referência a Friederich Engels, Juliet Mitchell[5], Alexandra Kollontai[6] e Heleieth Saffioti[7] são exemplos dessa tendência.

A resistência às ditaduras militares se apresenta como sintomática dessa geração de leitoras entrevistadas que tanto as influenciou em relação à escolha das leituras que deveriam ser realizadas naquela época quanto no que merece ser citado como leitura legítima dos movimentos feministas atualmente.

Para além desse quadro político, vivenciaram uma época intensa de revolução dos costumes, e, nesse sentido, apresentam em suas falas as contestações às concepções conservadoras da época como, por exemplo, as manifestações favoráveis ao direito das pessoas vivenciarem seus corpos e suas sexualidades de modo livre das imposições sociais, sobretudo em relação à situação das mulheres. Dessa forma, aparecem nas falas o *Relatório*

[5] Juliet Mitchell (1979-1988), psicanalista e feminista inglesa do grupo da *New Left Rewiew,* autora de *Women's Estate* (1966) e do artigo *Mulheres: a revolução mais longa*, publicado no Brasil pela *Revista Civilização Brasileira* em 1967.
[6] Alexandra Kollontai (1872-1952) foi uma revolucionária russa, teórica e crítica do marxismo, que atuou junto às mulheres operárias. Entre seus escritos estão *A nova mulher e a moral sexual*; *A sociedade e a maternidade*; *A mulher moderna e a classe trabalhadora*; *Comunismo e Família*.
[7] Heleieth Saffioti (1943-2010), socióloga e professora da UNESP. Publicou 12 livros no Brasil, ajudando a consolidar o feminismo como campo de estudo acadêmico nas universidades brasileiras.

Hite[8], os *Relatórios Master & Johnson*[9], referências a Shulamith Firestone[10], a Germaine Greer, e a alusão ao texto de Kate Millet[11], *Políticas Sexuais.*

Ao analisar os relatos, constatei ainda que na maior parte deles há a caracterização de alguns textos como "clássicos" para os movimentos feministas. Utilizando expressões como "leituras clássicas", "obrigatórias", "óbvias" e "literatura da época", as entrevistadas buscam legitimar suas leituras, inserindo-as no que acreditam ser a biblioteca feminista, ou seja, o conjunto de textos autênticos e relevantes para os movimentos, tornando-os, então, textos clássicos, segundo a acepção calviniana.

Para Ítalo Calvino, "clássico" seria o texto que merece ser relido, que se torna inesquecível e que persiste ao longo do tempo sempre aberto a reflexões e interpretações (CALVINO, 1998, p. 09-16). "Clássico" é ainda, para áreas como a literatura e a arte, a definição usada para as obras que servem de modelo e são identificadas através de um consenso cultural historicamente datado (SILVA; SILVA, 2006, p. 21-22). Percebemos que alguns textos e, em algumas situações suas autoras, são apresentados pelas entrevistadas segundo essas concepções de "clássicos", e edificados como monumentos no *corpus* teórico feminista. Entretanto, o que está sendo definido como as "leituras clássicas" para os movimentos feministas é resultado de um longo processo de seleção de textos, que não ocorre apenas no ato da entrevista.

As feministas, ao citarem suas leituras e descreverem as mais relevantes em suas trajetórias, têm conhecimento prévio dos consensos convencionados historicamente em relação a alguns textos, em detrimento de outros. Entretanto, isso não uniformiza suas opiniões a respeito dos "clássicos", e o que é tomado como "leitura obrigatória" para uma pessoa, não tem o mesmo significado para outra, ainda que a grande maioria confirme sua relevância para os estudos feministas.

Alguns textos são citados nas entrevistas, tanto por parte das pesquisadoras como por parte das entrevistadas, em maior número de vezes que outros. Nesse sentido, são citados *O*

[8] O livro sobre a sexualidade feminina é resultado de uma pesquisa realizada pela feminista Shere Hite, e foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1976.
[9] Editados originalmente nos anos de 1966 (*A Resposta Sexual Humana*) e 1970 (*A Inadequação Sexual Humana*), os relatórios foram produzidos nos Estados Unidos e tiveram repercussão Mundial. Foram elaborados a partir de uma minuciosa investigação científica das respostas fisiológicas e anatômicas da sexualidade masculina e feminina. Cf. SENA, 2010.
[10] Shulamith Firestone (1945), feminista canadense, autora de *A dialética do sexo* (1970).
[11] Kate Millet feminista e escritora norte-americana, autora de *Sexual Politics*, publicado em 1970.

segundo sexo (1949), de Simone de Beauvoir[12]; *A Mística Feminina* (1963), de Betty Friedan; *Esculpamos sobre Hegel* (1974), de Carla Lonzi[13]; *Mulher na sociedade de classes* (1969), de Heleieth Saffioti; *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1884), de Friedrich Engels; *A mulher e o progresso social*, de Alexandra Kollontai; *Em defesa dos direitos da mulher* (1792), de Mary Wollstonecraft[14]; *Mulheres: A revolução mais longa*, de Juliet Mitchell (1966); *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf[15] (1928); *As Mulheres em Movimento – ler a própria vida, escrever a própria história* (1980), de Rosiska Darcy Oliveira[16]; *Mulher – Objeto de cama e mesa* (1969), de Heloneida Studart[17]; entre outras autoras citadas sem referências específicas a seus textos, como Rose Marie Muraro[18] e Adrienne Rich[19]. A lista de textos e autoras citadas pelas 39 feministas brasileiras e 13 argentinas entrevistadas é maior, e conta com 22 autoras citadas por argentinas e 45 citadas por brasileiras. Simone de Beauvoir e Betty Friedan são as autoras mais citadas por ambos os grupos de feministas entrevistadas, acompanhadas por Virgínia Woolf e Carla Lonzi, na Argentina; e Carmen da Silva, Heleieth Saffioti e Rose Marie Muraro no Brasil.

Uma das diferenças encontradas entre as falas das feministas argentinas e brasileiras sobre suas trajetórias de leituras durante os períodos de ditadura, vivenciados em ambos os países durante as décadas de 1960 a 1980, é em relação à nacionalidade das autoras e textos mais citados. Embora duas autoras estrangeiras figurem entre as mais referenciadas nas

[12] Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora francesa e filósofa existencialista que se identificou como feminista na década de 1970. Autora do ensaio *O segundo Sexo* (1949), e de romances como *A convidada* (1943), *Os Mandarins* (1954), *A mulher desiludida* (1967), entre outros.
[13] Carla Lonzi (1931-1982), feminista italiana,
[14] Mary Wollstonecraft (1759-1797), escritora inglesa.
[15] Virginia Woolf (1982-1941), escritora e editora inglesa. Autora de vários ensaios e livros, entre eles *Mrs. Dalloway* (1925), *Orlando* (1928), e *As Ondas* (1931).
[16] Rosiska Darcy de Oliveira, advogada, professora universitária, jornalista e escritora brasileira. Acusada de denunciar as torturas cometidas pelo regime militar, exilou-se na Suíça durante quinze anos. Teve livros publicados no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, entre eles *Elogio da diferença*, publicado no início da década de 1990.
[17] Heloneida Studart (1932-2007), feminista cearense. Publicou *Mulher objeto de cama e mesa*, em 1974, e escreveu com Rose Marie Muraro a peça de teatro *Homem não entra* (1975), encenada por Cidinha Campos.
[18] Rose Marie Muraro (1930), feminista brasileira, autora de diversos livros, entre eles *Mulher na construção do mundo futuro* (1966), *Libertação sexual da mulher* (1970), e *A sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil* (1983).
[19] As datas citadas fazem referência aos anos em que os textos receberam suas primeiras publicações. Cito também os títulos em suas traduções para o espanhol: *El segundo sexo*, de Simone de Beauvoir; *La Mística de la Feminidad*, de Bety Friedan; *La Origen de la Familia, de la Propiedad, y del Estado*, de Friedrich Engels; *La mujer en el desarrollo social*, de Alexandra Kollontai; *Vindicación de los derechos de la mujer*, de Mary Wollstonecraft; *Las mujeres: la revolución más larga*, de Juliet Mitchell; e *Un cuarto propio*, de Virginia Woolf. Os títulos em português que não foram listados não tiveram suas traduções para o espanhol encontradas, e é possível que não exista edição até o momento. O livro *Esculpamos sobre Hegel*, de Carla Lonzi, não possui tradução para o português.

narrativas de ambos os países, e sejam aquelas que tanto brasileiras como argentinas definam como "clássico" – o caso de Simone de Beauvoir e Betty Friedan –, pude constatar a existência de uma diferença ao analisar a relação completa das autoras que foram citadas nas falas das entrevistadas. Nessa lista, autoras brasileiras como Rose Marie Muraro, Carmen da Silva e Heleieth Saffioti, entre outras, são mencionadas de forma recorrente nas entrevistas realizadas com feministas brasileiras, enquanto Juana Manuela Gorriti[20], Alejandra Pizarnik, Juana Azurduy, e Leonor Calvera, autoras argentinas, são citadas apenas em duas das entrevistas realizadas com as feministas argentinas[21].

Para essa reflexão selecionei três periódicos brasileiros e dois argentinos: *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres*, *Mulherio*, *Persona* e *Brujas*, respectivamente. Esses periódicos já foram bastante historicizados por alguns trabalhos acadêmicos sobre a história dos feminismos[22]. Contudo, o que proponho é observar nas páginas dos jornais tanto a questão da apropriação quanto da circulação dos textos mencionados nas narrativas das feministas entrevistadas.

O periódico *Brasil Mulher*, fundado em Londrina em 1975, é o primeiro jornal feminista feito no Brasil, e traz em suas páginas, entre outros temas, reportagens sobre a questão da Anistia e ao debate feminista dos anos de 1970 e 1980 a respeito da dupla-militância das mulheres, nos movimentos feministas e nas militâncias de esquerda (CARDOSO, 2004, p. 83).

O *Brasil Mulher* traz ainda referências a Rose Marie Muraro em duas de suas edições: nos números 2 e 4 do ano de 1976. Uma delas é encontrada em uma carta aberta endereçada ao então general em exercício Ernesto Geisel, quando as editoras reclamam da censura imputada a diversos meios de comunicação, mais especificamente ao veto à publicação de uma edição do jornal *Movimento*[23]. Segundo as editoras, a censura teria recaído sobre alguns livros de Rose Marie Muraro, que não tiveram seus títulos especificados na reportagem.

[20] Escritora argentina do século XIX (1818-1892) que ao se separar do marido (um militar boliviano que alcançou a presidência de seu país) foi para o Peru, onde publicou romances e foi colaboradora de revistas femininas. Cf. CRUZ, 2005.
[21] Sendo que Juana Manuela Gorriti, Juana Azurduy e Alejandra Pizarnick foram citadas pela mesma feminista entrevistada, ou seja, todas aparecem uma vez em uma única entrevista. Importante ressaltar que Juana Manuela Gorriti e Juana Azurduy foram escritoras argentinas do século XIX.
[22] Ver, a esse respeito, ATHAYDE, 2010; VEIGA, 2009; LEITE, 2003.
[23] O jornal *Movimento* foi fundado em 1975 e encerrou suas atividades em 1981. Tornou-se um importante órgão de imprensa durante o período da ditadura militar por estampar em suas páginas a luta pela redemocratização, apesar de toda a censura e repressão sofridas. Fizeram parte da formação do periódico Raimundo Pereira, Tonico Ferreira, Bernardo Kucinski, entre outros(as).

Entre as autoras estrangeiras mais citadas nas entrevistas, o *Brasil Mulher* se refere duas vezes, de maneira muito breve, a Simone de Beauvoir, sendo que uma delas foi para anunciar as matérias que sairiam em uma revista chamada *Versus*.

O jornal *Nós Mulheres*[24], fundado em 1976 e publicado pela Associação de Mulheres de São Paulo, teve apenas 8 números até 1978, quando encerrou suas atividades. Entre as autoras selecionadas para minha análise, apenas Betty Friedan e Heleieth Saffioti aparecem citadas nas páginas do periódico. A edição de número 2, de 1976, cita *A Mística Feminina* em um artigo sobre a situação das donas-de-casa, e o número 8, de 1978, menciona o reconhecimento do trabalho de Saffioti no anúncio de um concurso de bolsas de estudo sobre a temática da "mulher", promovido pela Fundação Getúlio Vargas.

O jornal *Mulherio*[25], publicado entre os anos de 1981 e 1988 no Rio de Janeiro, ou seja, após o período de redemocratização, é o periódico que traz mais referências às autoras pesquisadas. Com periodicidade bimestral, o periódico era enviando ainda para grupos de mulheres no exterior. Simone de Beauvoir, Betty Friedan, Heleieth Saffioti, Rose Marie Muraro, Carmen da Silva, Virginia Woolf são citadas aproximadamente 63 vezes ao longo da publicação de seus 39 exemplares, seja em resenhas de seus livros, notícias sobre suas atividades, reportagens assinadas pelas próprias autoras e citações diretas aos seus textos.

Em 1974, em Buenos Aires, foi fundado o jornal *Persona*[26], que teve suas atividades interrompidas e seu grupo editor dissolvido com a volta do regime militar ao país em 1976, retomando suas atividades apenas em 1980, no período de abertura política (ATHAYDE, 2010, p.37). Assim como o brasileiro *Mulherio*, o *Persona* também divulgou amplamente em suas páginas, através de menções e citações, autoras estrangeiras como Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Carla Lonzi, entre outras. Encontrei cerca de 20 referências a essas autoras, mas nenhuma referência às autoras argentinas citadas anteriormente.

O jornal *Brujas* foi fundado em 1983, ou seja, no ano da abertura política argentina, e continua a ser publicado atualmente. Em minhas pesquisas tenho trabalhado com algumas edições do jornal *Brujas* que datam até o ano de 1988, como forma de analisar os primeiros

[24] O periódico *Nós Mulheres* pode ser encontrada no Arquivo Edgard Leuenroth, em Campinas/SP, e no CIM - Centro de Informação Mulher, também em São Paulo.
[25] Os exemplares analisados do periódico *Mulherio* podem ser encontrados no acervo da Fundação Carlos Chagas, em São Paulo, e online no site da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS Disponível em: http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/mulherio/capas2.html Acesso: 20 ago. 2011.
[26] As edições do periódico *Persona*, podem ser encontradas no CeDInCI - Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en la Argentina-, em Buenos Aires, e também no CIM – Centro de Informação Mulher, em São Paulo.

anos da redemocratização argentina. Assim como seu conterrâneo *Persona,* esse periódico também traz algumas citações de Simone de Beauvoir, Betty Friedan e Virginia Woolf, com o diferencial de que faz menções também a autoras argentinas como, por exemplo, Leonor Calvera, ainda que seja apenas uma única referência ao seu livro *El género mujer*, na edição de número 1, do ano de 1983. Essa referência ao texto de Calvera é bastante superficial, e se refere substancialmente a uma ocasião em que o livro foi apresentado sem, no entanto, fazer referência a data e ao local do evento.

No caso argentino, assim como no Brasil, Simone de Beauvoir aparece com recorrência nas páginas de ambos os jornais pesquisados. Como especificidade argentina, Virginia Woolf também é mencionada tanto em *Persona* quanto em *Brujas*, ainda que seja em menor número que a autora francesa. Uma das possíveis explicações para o alto número de referências a Simone de Beauvoir em *Persona*, pode ser a influencia do existencialismo beauvoriano em María Elena Oddone, personagem central responsável pela publicação do periódico.

No Brasil existe uma autora nacional em evidência nas páginas dos jornais, como é o caso de Heleieth Saffioti, já na Argentina isso não ocorre. Escritoras argentinas como Gloria Bonder, Leonor Calvera e Alicia Moreau de Justo aparecem apenas no periódico *Brujas*, sendo Alicia a mais referenciada entre elas. Não encontrei nenhuma citação de autora argentina no *Persona*, que referencia predominantemente autoras internacionais como Beauvoir, Friedan, Kollontai, Lonzi, Millet, Mitchell e Woolf.

A análise realizada a partir dessa série de nomes de autoras e títulos de livros me levaram a refletir sobre a composição desta "biblioteca feminista", compreendida aqui como um conjunto de textos tomados como autênticos e relevantes para os movimentos feministas de ambos os países. Incitaram-me a pensar sobre o caminho percorrido por alguns textos até serem reconhecidos consensualmente por um grupo de pessoas como "clássicos", possibilitando pensar uma história dos movimentos feministas brasileiros e argentinos através de suas leituras.

Ao pesquisar sobre os movimentos feministas do Brasil e da Argentina, procurei entender quais pontos dessas histórias das leituras se cruzavam e se afastavam, no intuito de complexificar essa formação intelectual dos movimentos feministas, que entre aproximações e distanciamentos, seleciona e autoriza o que merecer ser lembrado e lido até os dias de hoje. Nesse sentido, ao questionar as narrativas, analisando os acervos, e a circulação das autoras e

suas publicações através dos periódicos, confrontei as leituras nessas diferentes temporalidades, buscando compreender a maneira como uma geração de feministas ressignifica suas trajetórias intelectuais e o modo como algumas leituras passam a ser legitimadas por um grupo de pessoas.

Referências

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.

ANDÚJAR, A; D. D'ANTONIO; K. GRAMMÁTICO, F. GIL LOZANO; N. DOMÍNGUEZ; V. PITA; M.I. RODRÍGUEZ; A. VASSALO (Orgs.). Historia, género y política en los'70. Buenos Aires: Feminaria, 2005.

ATHAYDE, Maria Cristina de Oliveira. Corpo, sexualidade e prazer: um olhar historiográfico sobre os periódicos feministas de Brasil e Argentina (1974-1985). Florianópolis. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos? São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CARDOSO, Elizabeth da Penha. Imprensa feminista brasileira pós-1974. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

COSTA, Albertina de O, et al. Memórias das mulheres do exílio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CRUZ, Clara Angélica Agustina Suárez. O espaço feminino na escritura de Juana Manuela Gorriti e Martha Mercader. (Tese de Doutormento). Assis, FCL – UNESP, 2005.

HIRATA, Helena... [et al.]. (Orgs.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009,

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). Revista Brasileira de História, São Paulo, vol.26 n. 52, p. 249-272, dezembro de 2006.

_____. Nosotras, Nós Mulheres, Nos/Otras, Noidonne – Rede de divulgação feminista dos anos 70 e 80. In: WOLFF, Cristina S.; FÁVERI, Marlene; RAMOS, Tânia R. O. Leituras em rede: gênero e preconceito. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007, p. 307-328.

PINTO, Céli Regina. J. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. Estudos Feministas, vol. 11, n. 1. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, 2003, p. 234-241.

MORANT, Isabel (Dir.). Historia de las Mujeres en España y América Latina: del siglo XX a los umbrales del XXI. Madri: Cátedra, 1994.

ROLLEMBERG, Denise. Exílio: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SENA, Tito. Os relatórios Masters & Johnson: gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70. Estudos Feministas, 2010, vol. 18.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VEIGA, Ana Maria. Feminismos em rede? Uma história da circulação de discursos e informações entre São Paulo e Buenos Aires (1970-1985). Florianópolis. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.